

SILVA, Zélia Lopes da. *A Domesticação dos Trabalhadores nos anos 30*. Marco Zero, São Paulo, 1991.

*Silvia Helena Zanirato Martins **

A coleção "Onde está a República?", dirigida pelo professor Marcos Silva, contém em seu conjunto obras essenciais para aqueles que pretendem aprofundar seus conhecimentos sobre os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais que se fizeram presentes em nossa história recente. Os livros editados traduzem a preocupação de seus autores com a temática do poder e da dominação de classes, com o papel desempenhado por sujeitos históricos diferenciados, seus projetos e suas estratégias de luta.

Dentre estes livros, encontra-se o trabalho de Zélia Lopes da Silva "A Domesticação dos Trabalhadores nos Anos 30", onde a autora, a partir de uma exaustiva pesquisa documental e bibliográfica, discute a gestão do Estado no mercado de trabalho, oferecendo simultaneamente um balanço da produção acadêmica que se posicionou frente a essa temática.

Examinando em detalhes os mecanismos que envolveram a ingerência do Estado, Zélia afirma ser o mesmo "parte constitutiva de um projeto mais amplo de reordenamento da sociedade brasileira, levado a efeito pela burguesia industrial, com o objetivo de torná-la moderna, racional, harmônica, dissolvendo as fronteiras de classe". A análise se defronta com a produção acadêmica que vê a instituição das leis sociais de amparo ao trabalhador como uma expressão da cidadania. Para a autora, esse entendimento oculta o fato de que a viabilização de tal processo necessitou da dissolução das organizações autônomas dos trabalhadores, que permaneciam resistentes à sindicalização de Estado.

Ao longo das páginas, Zélia vai estabelecendo um profícuo debate com a bibliografia, questionando a forma como o movimento operário aparece nos diversos enfoques. A controvérsia se estabelece quanto ao entendimento de

* Doutoranda em História - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis, SP.

alguns autores sobre a "frágil e embrionária" organização dos trabalhadores, incapaz de apresentar uma proposta única sobre a elaboração de leis sociais.

Mostrando um movimento operário constituído por diversas tendências, vivendo disputas pelo controle sindical, a autora argumenta que a tese da fragilidade se assenta nas diferenças de concepções políticas entre comunistas e libertários quanto ao significado das leis que regulavam as relações de trabalho. Assim, a propalada ausência dos trabalhadores no processo, enquanto classe organizada nas comissões oficiais, reflete a impossibilidade de um consenso diante da questão. A dificuldade de respostas por parte dos trabalhadores revela não o distanciamento das discussões travadas, como entende a bibliografia, mas, sobretudo, as divergências existentes quanto ao assunto e as disputas entre libertários e comunistas pelo controle do movimento sindical.

Acompanhando passo a passo os vários campos de confronto que se instituíram no âmbito das relações entre os trabalhadores e entre estes e a burguesia, vai reconstituindo os caminhos que culminaram com a gestão do Estado no mercado de trabalho. Para Zélia, a bibliografia que vê a gestão como uma imposição do Estado à burguesia e aos trabalhadores, parte do entendimento de que a burguesia, tal qual o operariado, é pensada como frágil e desorganizada, incapaz de formular um projeto político, donde a gestão do Estado só pode mesmo ter ocorrido à revelia.

Interrogando se o desinteresse da burguesia industrial frente à gestão do Estado no mundo de trabalho realmente se sustenta, como insiste a produção acadêmica, seu estudo nos mostra a estreita ligação que se estabeleceu entre a participação da burguesia e a desmobilização operária, sobretudo as organizações libertárias, "única corrente que, apesar das ambigüidades, se opunha ao projeto de gestão do Estado".

Para a autora, o embate entre a burguesia industrial e os anarco-sindicalistas reveste-se de um sentido essencial, uma vez que teve por desfecho o enfraquecimento da luta pela autonomia sindical, com a violenta repressão desencadeada a seus defensores. O esfacelamento do sindicalismo autônomo no decorrer do processo, fundamental para a execução do projeto racionalizador, constitui uma "questão que a historiografia deixou submersa, juntamente com a questão da derrota da luta pela autonomia sindical, quando os anarquistas cederam às pressões das bases, defendendo leis que desfiguravam os seus pressupostos".

Demonstrando os diferentes mecanismos acionados pela burguesia industrial para colocar em prática a sua proposta domesticadora, Zélia conclui que, acenando com leis sociais de amparo ao trabalhador, ou recorrendo à força quando esta se mostrava insuficiente, a gestão do Estado no mercado

de trabalho culminou com solapamento das bases das organizações operárias autônomas.

Pela importância do tema, pela competência com que a autora o enfoca, *A Domesticação dos Trabalhadores nos anos 30* constitui-se em um livro essencial não apenas para a análise dos movimentos sociais no Brasil, mas para um melhor entendimento da sociedade brasileira contemporânea.